

Lucineudo Machado Irineu<sup>1</sup>Aline Pereira Sousa<sup>2</sup>Francisca Natália Leite Lopes<sup>3</sup>**RESUMO**

Este trabalho objetiva analisar a projeção de polarização ideológica que se manifesta no discurso praticado por Jair Bolsonaro em algumas falas pronunciadas, a respeito de oposição política e grupos minoritários, durante candidatura e sucessiva eleição à presidência do Brasil. O *corpus* foi constituído de três comentários de Bolsonaro que corroboram a manutenção das relações assimétricas de poder na/pela linguagem. Em análise qualitativa, partimos de uma abordagem discursiva em sua vertente crítica e executamos o procedimento de interpretação dos dados em duas etapas, a saber: (i) descrição da conjuntura sócio-histórica de enunciação dos comentários; e (ii) exame das estruturas ideológicas do discurso (EID) que evidenciam, textualmente, a polarização ideológica que tomamos como objeto de pesquisa. Como fundamentos teórico-metodológicos, partimos centralmente das contribuições de van Dijk (2010; 2012) no campo da Análise de Discurso Crítica de orientação sociocognitiva, em diálogo com estudiosos de outras áreas do conhecimento, sobretudo para o debate sobre a reconstrução da conjuntura. Os dados em debate apontam que o discurso é utilizado como arma de disseminação de ódio de representantes privilegiados de endogrupos conservadores que se encontram no poder contra sujeitos em situação de vulnerabilidade social que integram exogrupos secularmente postos à margem dos direitos sociais que deveriam ser-lhes garantidos.

**Palavras-chave:** Polarização ideológica. Jair Bolsonaro. ADC.

**ABSTRACT**

This work aims to analyze the projection of ideological polarization that manifests itself in the speech practiced by Jair Bolsonaro in in some speeches he made, regarding political opposition and minority groups, during his candidacy and successive election to the presidency of Brazil. The corpus consisted of three comments by Jair Bolsonaro that corroborate the maintenance of asymmetrical power relations. In qualitative analysis, we started from a discursive approach in its critical aspect, with a qualitative basis, and performed the data interpretation procedure in two stages, namely: (i) description of the socio-historical context of enunciation of comments; and (ii) examination of the ideological structures of discourse (EID) that evidence, textually, the ideological polarization that we take as an object of research. As theoretical-methodological foundations, we start from the contributions of van Dijk (2010; 2012) in the field of Critical Discourse Analysis of socio-cognitive orientation, in dialogue with scholars from other areas of knowledge, especially for the debate on the reconstruction of the situation. The data under debate point out that speech is used as a weapon for the dissemination of hatred by privileged representatives of conservative endogroups who are in power against individuals in situations of social vulnerability who are part of exogroups secularly placed on the sidelines of the social rights that should be guaranteed to them.

**Keywords:** Ideological polarization. Jair Bolsonaro. ADC.

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza/CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2713-3228>. E-mail: [lucineudo.irineu@uece.br](mailto:lucineudo.irineu@uece.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza/CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2935-8749>. E-mail: [aline.pereira@aluno.uece.br](mailto:aline.pereira@aluno.uece.br)

<sup>3</sup> Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza/CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5626-0077>. E-mail: [francisca.natalia@aluno.uece.br](mailto:francisca.natalia@aluno.uece.br)



## 1 INTRODUÇÃO

A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC) de orientação sociocognitiva (ou Estudos Críticos do Discurso (ECD), nas palavras de Teun A. van Dijk) delinea-se a partir da premissa de que o discurso é um modo de ação no qual enunciados emergem e podem revelar relações de poder. Por sua vez, esse jogo de poder é revelado entre grupos de dominantes e de dominados em práticas de interação discriminatórias.

Dentre as perspectivas da ADC, adotamos como principal aporte teórico para a análise empreendida neste artigo a abordagem sociocognitiva de van Dijk (2010; 2012; 2013; 2015), para quem as práticas discursivas são socialmente mediadas pela cognição situada. Essa interface com a cognição interessa-nos no presente trabalho, uma vez que possibilita compreendermos as estratégias discursivas utilizadas em eventos linguageiros e que, em um dado contexto de situação, interpelam o poder por meio do uso da linguagem.

Com base na perspectiva de análise que se ancora no pensamento de van Dijk (2010; 2012), propomo-nos a analisar o contexto social em que as reproduções discursivas são mediadas. De modo específico, o foco de nossa investigação, neste texto, visa não só analisar estruturas linguísticas e processos cognitivos, mas também fatores contextuais que explicam nosso material de análise, a saber: três comentários proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro, no período de 2018 a 2020. A esse respeito, faz-se pertinente investigar também quem são os interlocutores desse discurso, bem como em que domínio discursivo estão inseridos.

Assim, intentamos configurar características das classes sociais envolvidas nessas produções discursivas, enquadrando-as em grupos, tais como endogrupo e exogrupo, com o propósito de identificar as construções de poder estabelecidas entre elas. Para tanto, nossa análise busca perceber como a condição e/ou estrutura social do enunciador contribui para as variações das produções discursivas. Dessa forma, temos o intuito de investigar a(s) estratégia(s) de polarização ideológica projetada(s) no discurso praticado por Jair Bolsonaro, de 2018 a 2020, à luz dos estudos críticos do discurso propostos por van Dijk (2010; 2012). Objetivamos, especificamente, analisar a conjuntura sócio-histórica sobre a qual o referido presidente está inserido, bem como identificar marcas de polarização ideológica em três comentários de Jair Bolsonaro, que corroboram a manutenção das relações assimétricas de poder a partir da categoria de polarização ideológica de van Dijk (2010; 2012).





No tocante à organização retórica, este artigo está desenhado em cinco seções. Assim, traçamos o seguinte percurso: para além dessas considerações iniciais, discutimos a proposta sociocognitiva de estudos de polarização ideológica de van Dijk (2010; 2012; 2013; 2015); na sequência, apresentamos os resultados encontrados e nossas discussões sobre eles, bem como as conclusões da presente investigação e, nas referências, apontamos os trabalhos que sustentam do ponto de vista teórico e metodológico o presente trabalho.

Conheçamos, a seguir, a base teórica de que partimos na presente investigação.

## 2 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

A ADC é relativamente recente, tendo surgido na década de 1980, na Universidade de Lancaster, quando pesquisadores se reuniram para tratar sobre os fundamentos da Linguística Crítica. Em 1985, o termo foi concebido por Norman Fairclough em um de seus artigos seminais no *Journal of Pragmatics* e, posteriormente, foi sendo mencionado em outros estudos como Análise Crítica do Discurso (ACD).

Os estudos críticos do discurso se propõem a investigar questões relacionadas aos problemas sociais e às relações de poder na/pela linguagem. Assim sendo, o interesse em compreender o discurso como uma prática social está intimamente ligado ao estudo dessas temáticas, uma vez que a observação das condições de produção do discurso permite o reconhecimento de elementos que são acionados para o exercício da dominação (TOMAZI; SODRÉ, 2016).

Nesse sentido, a ADC possui um amplo escopo de aplicação, não tendo, porém, como bem retrata Barrere e Almeida (2017), orientação teórico-metodológica única, em decorrência da interface com diversas outras disciplinas. Desse modo, as pesquisas conduzidas no âmbito da ADC podem melhor compreender os diferentes enfoques que circundam as práticas discursivas. A esse respeito, van Dijk (2013) explica que:

A ADC é uma perspectiva – crítica – de produção do conhecimento: análise do discurso ‘com uma atitude’. Foca-se em problemas sociais, em especial no papel do discurso na produção e reprodução do abuso do poder ou da dominação. Sempre que possível, ocupa-se dessas questões a partir de uma perspectiva coerente com os melhores interesses dos grupos sociais dominados. Considera as experiências e opiniões dos membros desses grupos e lhes oferece ajuda na luta contra a desigualdade social (VAN DIJK, 2013, p. 353).





Para o autor, em outros termos, este tipo de pesquisa se enquadrava no que costuma ser chamado de “solidariedade com os oprimidos”, com uma conduta de oposição contra aqueles que, através do texto, procuram estabelecer/confirmar/legitimar o seu abuso de poder. Conforme van Dijk (2013, p. 353), “diferentemente de outras perspectivas, a ADC não nega, mas assume e defende sua posição social e política. Ao contrário, é tendenciosa – e se orgulha disso” (VAN DIJK, 2013, p. 353).

Posto isso, a decisão de utilizar tal abordagem de estudos da linguagem como aparato teórico-metodológico deu-se pelo entendimento de que precisamos empreender pesquisas em favor das lutas por direitos sociais, cabendo aos analistas críticos do discurso engajar-se em soluções práticas para superar as relações de poder, ideologia e opressão expressas por meio do discurso nas práticas sociais. Concordamos com Melo (2012) ao assumir que o propósito do analista é investigar traços e pistas com o intuito de tornar visível a naturalidade das relações opressoras produzidas no/pelo uso da linguagem e em outras práticas sociais. Assim, o pesquisador propõe-se a desconstruir os significados não óbvios ou as “agendas ocultas” presentes nos textos, de modo a tratar dos elementos indiciais reprodutores da organização social, os quais privilegiam indivíduos e grupos em detrimento de outros através de formas institucionalizadas de ver e de avaliar o mundo – ideologias – ou da preservação de poderes – hegemonia – de grupos dominantes (MELO, 2012).

Neste campo, a perspectiva dos estudos de van Dijk (1998; 2010; 2012; 2013; 2015, para citar apenas alguns) compreende que a relação entre a estrutura social e a estrutura discursiva não ocorre de forma direta, mas é mediada pela cognição pessoal/social. Nesse sentido, o autor estabelece essas relações em um triângulo de conceitos: discurso - cognição - sociedade. Sobre tal tríade, destacam as palavras de van Dijk (2013):

Entendo o significado de “discurso” de forma ampla, ou seja, como “evento comunicativo”, incluindo a interação conversacional, a modalidade escrita da língua, bem como a expressão corporal, facial, diagramação do texto, imagens e qualquer outra “semiose” ou forma multimodal de significação. Semelhantemente, “cognição” envolve tanto a pessoal quanto a social, crenças, objetivos, avaliações e emoções e qualquer outra estrutura “mental” ou da “memória”, como as representações ou os processos envolvidos no discurso e na interação. E, finalmente, ‘sociedade’ significa a inclusão, tanto do nível local ou micro tais como as interações interpessoais, quanto dos níveis mais altos como as estruturas sociais e políticas, definidas em termos variados como grupos, relações de grupos (como dominância ou desigualdade), movimentos sociais, instituições, organizações, processos sociais, sistemas políticos até as estruturas mais abstratas das sociedades e das culturas (VAN DIJK, 2013, p. 355, grifos do autor).

Como bem sublinham Tomazi e Sodré (2016) a respeito das palavras de van Dijk, essa tríade nos permite pensar não apenas a dimensão linguística do discurso, mas também as dimensões cognitiva, social, política, cultural, econômica, histórica e, principalmente, ideológica.





Para van Dijk (1998; 2010; 2015), as ideologias são sistemas de crenças compartilhadas por grupos com o intuito de promover seus interesses e orientar suas práticas sociais e políticas. São representações mentais, assim como é o caso de outras formas de cognição social, como conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores. Contudo, diferente das opiniões pessoais, elas são essencialmente compartilhadas por coletividades sociais (VAN DIJK, 2015). Essas estruturas ideológicas compreendem normas, valores, propósitos e princípios socialmente pertinentes que são selecionados/combinados/aplicados e que integram práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo (VAN DIJK, 2010).

As ações discursivas que se realizam na sociedade por sujeitos ou por seus representantes são mediadas pelas ideologias dos grupos dominantes ou dominados, uma vez que “uma ideologia proporciona coerência às atitudes sociais, que por sua vez, codeterminam as práticas sociais” (VAN DIJK, 2010, p. 43). Além disso, de acordo com van Dijk (2015), grande parte das ideologias de grupo é desenvolvida e utilizada em relação a outros grupos sociais, por exemplo, competir, dominar, resistir ou interagir de outra forma com os membros de outros grupos. Para o autor, isso só é possível porque os membros do grupo têm um autoesquema ideológico e precisam formar uma representação esquemática de outros grupos relevantes, como é o caso dos racistas em relação a imigrantes ou a minorias etnicamente diferentes. Geralmente, essa representação do outro apresenta uma tendência negativa, isto é, as ideologias tendem a polarizar-se entre endogrupos e exogrupos. (VAN DIJK, 2010; 2012; 2015).

Como destaca van Dijk (2015), as ideologias não são inatas, mas gradualmente aprendidas por pessoas como membros de grupos sociais, mediadas por experiências pessoais exemplificadas por/generalizadas como atitudes socialmente compartilhadas quanto a tópicos políticos ou sociais relevantes. A fim de que tais atitudes sociais – e as ideologias a elas subjacentes – sejam adquiridas e compartilhadas em um grupo, elas necessitam ser expressas, formuladas ou de alguma forma comunicadas entre os membros do grupo ou defendidas ou legitimadas fora do grupo (VAN DIJK, 2015). Isso significa dizer que as ideologias são (re)produzidas por um discurso ideológico.

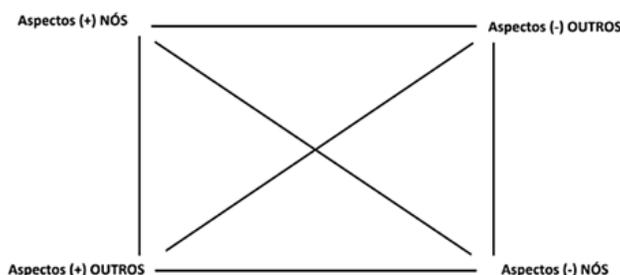
Posto isso, os posicionamentos ideológicos que orientam as práticas discursivas dos indivíduos estão, decisivamente, associados às relações de poder e hegemonia. Na sociedade, é fato que as pessoas ocupam diferentes posições sociais, de modo que “o poder é exercido e expresso diretamente por meio do acesso diferenciado aos vários gêneros, conteúdos e estilos de discurso” (VAN DIJK, 2010, p. 44). Como controle que um grupo exerce sobre os demais, esse poder é simbólico, podendo manipular, persuadir, doutrinar pessoas e se perpetuar como senso comum (VAN DIJK, 2010).

Em consonância com van Dijk (2010; 2012; 2015), entendemos que o discurso não é constituído de maneira arbitrária. Por outro lado, algumas estruturas do discurso são mais características ou eficientes do que outras para funcionar como expressão e reprodução manipuladora das atitudes e ideologias de um grupo. Nesse sentido, uma das qualidades mais típicas e gerais do discurso ideológico é constituída por seu caráter polarizado, refletindo a estrutura polarizada tácita das atitudes e ideologias sociais: a polarização entre o Nós (positivo) e o Eles (negativo) (VAN DIJK 2010; 2015).

O autor ainda acrescenta que os próprios pronomes atuam como o protótipo dos marcadores gramaticais das ideologias implícitas e que essa polarização pode influenciar quaisquer estruturas variáveis em todos os níveis do discurso e de seus contextos comunicativos, tais como: quem tem acesso ativo ou passivo ao discurso público, descrições de pessoas e suas ações e propriedades, itens lexicais, metáforas, implicações e pressuposições, argumentos, estruturas narrativas etc. Essa polarização discursiva é tipicamente caracterizada por fortalecer as propriedades positivas em Nós (o endogrupo) e negativas Deles (o exogrupo), ao passo que as propriedades negativas do endogrupo e as positivas do exogrupo são atenuadas ou até mesmo ignoradas.

Trata-se do quadro proposto por van Dijk (2003), que se apresenta a seguir.

**Figura 1:** Quadro ideológico proposto por van Dijk (2003)



**Fonte:** Van Dijk (2003, s/p)

O esquema apresentado ressalta as seguintes macroestratégias discursivo-ideológicas em que as relações de dominação entre grupos sociais estão subentendidas:

- a) ênfase nas **Nossas** características positivas (endogrupo);
- b) ênfase nas características negativas dos **Outros** (exogrupo);
- c) atenuação das **Nossas** características negativas (endogrupo).
- d) atenuação das características positivas dos **Outros** (exogrupo).





Ao escolher uma das pontas do quadro, argumenta-se em favor dos interesses de um grupo social, o que nos permite afirmar que o discurso está “persuasivamente projetado para ajudar a formar ou confirmar modelos ideológicos similares entre os destinatários do discurso e da comunicação” (VAN DIJK, 2015, p. 57). É dessa forma, explica o autor, que as ideologias são, aos poucos, aprendidas e reproduzidas por diversos tipos de discurso público do endogrupo.

Como bem destaca Silva (2015), nessa abordagem sociocognitiva, argumentar extrapola a concepção tradicional que se resume no ato de *persuadir*. Por exemplo, van Dijk (2008) trata sobre a concepção de *manipulação* para a argumentação que envolve estratégias discursivas que objetivam a dominação entre grupos sociais. “A manipulação é uma prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e o interesse delas” (VAN DIJK, 2008, p. 234).

A diferença entre *persuadir* e *manipular* reside na condição de reação dos interlocutores a partir dos discursos que lhes são colocados. Isso significa que, quando um sujeito é livre para crer e agir conforme suas faculdades e possui as condições para tal, sua aceitação ou eventual rejeição dos argumentos reflete o sucesso ou o fracasso do eu persuasor. Contudo, quando o interlocutor possui um papel mais passivo diante dos argumentos que lhes são impostos, não tendo a condição ou capacidade de reagir a eles – pelas mais variadas razões de ordem social –, tornam-se vítimas de *manipulação* por meio dos discursos (SILVA, 2015).

Muitas vezes, ainda conforme o autor, a manipulação acontece quando ideologias de dominação se sobrepõem às ideologias de apoio ao grupo social do interlocutor, fazendo com que ele não consiga perceber as estratégias textuais-discursivas que promovem essa imbricação, levando-o a aceitar a mensagem transmitida. Segundo van Dijk, “essa consequência negativa do discurso manipulador ocorre tipicamente quando os receptores são incapazes de entender as intenções reais ou de perceber todas as consequências das crenças e ações defendidas pelo manipulador” (VAN DIJK, 2008, p. 235).

Nesse sentido, o discurso de grupos dominantes é resultado da escolha de variadas estratégias discursivas utilizadas para poder manipular a opinião pública, estabelecendo o quadro ideológico de polarização discursiva. Dessa forma, concordamos com van Dijk (2002) ao destacar que

o objetivo da análise das estruturas discursivas é não apenas examinar as características detalhadas de um tipo de prática social discriminatória, mas também, em especial, obter uma compreensão mais profunda do modo como os discursos expressam e manejam nossas mentes. É especialmente essa interface discurso-cognição que explica como as ideologias e os preconceitos étnicos são expressos, transmitidos, compartilhados e reproduzidos na sociedade (VAN DIJK, 2002, p. 17).





Posto isso, torna-se possível um diálogo dos estudos críticos do discurso propostos por van Dijk (2010; 2012) para análise da(s) estratégia(s) de polarização ideológica projetada(s) no discurso praticado por Jair Bolsonaro, tomando como material de análise comentários realizados pelo político à luz da conjuntura sócio-histórica em que foram proferidos.

### 3 DISCURSO POLARIZADO NO BRASIL: ANÁLISE DA CONJUNTURA SÓCIOHISTÓRICA EM TORNO DA ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO

No Brasil, em 2018, pela primeira vez após o fim da ditadura militar, um capitão da reserva do exército chegou à presidência. Trata-se de Jair Bolsonaro, até então deputado, que foi eleito pelo Partido Social Liberal (PSL) para governar o país. A estreita relação entre o presidente e seus aliados, já no ano seguinte, começou a evidenciar conflitos mediante disputa interna pelo comando do partido entre Bolsonaro e Luciano Bivar, na época diretor do PSL. A nosso ver, esse momento representa o início do caminho complexo que a democracia nacional estaria a enfrentar e que perdura até os dias atuais, uma vez que na história, para além de governos progressistas, apesar de governos de direita terem comandado o país, o que se vê, atualmente, é o ultraradicalismo sendo disseminado na sociedade brasileira.

Dadas as circunstâncias, nos primeiros meses de mandato, em 2019, Jair Bolsonaro sofreu perda de popularidade. Nesse período, a taxa de reprovação do então presidente passou de 30% para 38%, conforme pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha. Ao fim de 2019, a taxa de aprovação já era considerada inferior à de Fernando Henrique Cardoso (41%), à de Luiz Inácio Lula da Silva (42%) e à de Dilma Rousseff (59%). Tal fato somente se estabilizou com uma lenta recuperação da economia do Brasil. No entanto, isso não relativizou o momento impetuoso vivido no país.

De acordo com a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum (2019), no primeiro ano do mandato de Bolsonaro, o Brasil vivenciava os “Cem dias sob o domínio dos perversos<sup>4</sup>”. Brum mostra como o discurso do ódio predomina desde então na conjuntura da sociedade civil, de forma a estimular a violência contra aqueles mais desfavorecidos. Entre esses, estão oito moradores de rua que foram queimados vivos no país e uma família que teve o carro atingido por oitenta tiros por agentes de segurança, entre outras atrocidades que, segundo a jornalista, são decorrentes de uma prática governamental que não aperta o gatilho, mas que incentiva, por meio dos discursos proferidos, a violência.

<sup>4</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780\\_837463.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html). Acesso em: 12 ago. 2021.





Brum (2019) chama atenção para a existência de um projeto de governo em curso que objetiva estimular e naturalizar o ódio por meio da repetição, o que explica a incidência de ações tão violentas, Brasil afora, nos últimos tempos. Para efeito de ampliação do contexto violento no país, é importante pontuar que o governo bolsonarista, em 2019, flexibilizou o acesso a armas e a munições, indo na contramão da política do Estatuto do Desarmamento, que foi amparada pela Lei nº 292-PL 1555/2003, conforme lemos no Atlas da Violência de 2020.

Vale lembrar que, em período eleitoral, tal flexibilização já pleiteava o discurso de candidatura de Bolsonaro à presidência, cujo propósito era convencer de que o cidadão brasileiro necessitava possuir armas como defesa da sua integridade. Todavia, esse posicionamento político não condiz com o que se postula na Constituição quando se tem a prerrogativa de que é dever do Estado prezar pela segurança da sociedade. Além disso, segundo dados do Atlas da Violência (2020<sup>5</sup>), a liberação de armas de fogo aumenta significativamente os índices de crimes violentos, contrapondo-se, portanto, ao discurso presidencialista que legitima o porte de arma aos brasileiros como instrumento de defesa.

Atualmente, o discurso de ódio no cenário brasileiro envolve uma vultosa dimensão, de maneira que, em muitos segmentos da sociedade civil, é visível e inadmissível a naturalização dos atos violentos que vêm se reverberando, demasiadamente, por meio de agressões verbais, físicas e/ou psicológicas. Brum (2019), por exemplo, chama atenção para comentários proferidos pelo presidente da república à classe jornalística. Segundo a autora, quando abordado pela imprensa, o ultradireitista Jair Bolsonaro age de forma perversa. Tal ação, por um lado, é revelada pela negação imposta à classe jornalística que, no ofício profissional, tem direito à resposta e, por outro lado, é declarada por meio de incitações violentas e verbais, cujos atos consistem em coibir e intimidar em função do cargo de poder.

Para exemplificação dessa conjuntura, basta que saibamos o que alega o relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). De acordo com dados publicados em 2020, os números referentes à prática de violência contra jornalistas aumentaram 54% em 2019 se comparado a 2018. Isso revela o crescimento de atos violentos à referida classe, à medida que percorre o mandato de Jair Bolsonaro, corroborando, assim, o que Brum (2019) postula sobre a relação presidencialista para com a imprensa. Segundo a FENAJ (2020), os indicadores apontam ações como descredibilização da imprensa e agressões diretas a profissionais. Desse montante, individualmente, o atual presidente foi responsável por 121 práticas ofensivas aos profissionais da área no ano de 2019 (FENAJ, 2020).

---

<sup>5</sup> <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 12 ago. 2021.





Para além da referida classe de profissionais, essa conjuntura conflituosa afetou grupos políticos, sobretudo o Partido dos Trabalhadores (PT). Quanto a esse partido, sabe-se que a repulsa do então presidente se relaciona, dentre outras questões, com a política de programas sociais como o Bolsa Família e o sistema de cotas raciais em instituições de ensino. Como lembra Brum (2018), no Brasil, no cenário pré-eleição, o discurso antipetismo cresceu de forma exponencial e, segundo ela, o autoritarismo pleiteado por Jair Bolsonaro ganhou mais espaço, de forma que, a partir do êxito nas urnas, haveria, portanto, uma ampliação sem precedentes do discurso de ódio contra aqueles que mantivessem posição política convergente com as virtudes do PT.

Dada a propagação das práticas de hostilidades nesses últimos três anos, chama-nos atenção, outrossim, os casos violentos de xenofobia, sobretudo, os acontecimentos ocorridos com imigrantes no Brasil. Não há como negar que, antes de eleito presidente da república, Jair Bolsonaro, enquanto deputado federal, em 2015, categorizou esse grupo como “escória do mundo” em entrevista ao Jornal Opção, do estado de Goiás. Em 2018, com sua ascensão à presidência da república, não demorou para proferir e oficializar, nos anos seguintes, seu discurso de ódio sobre esse público em eventos institucionais<sup>6</sup>.

A nosso ver, essa realidade traz à tona, de forma desacerbada, a discriminação perversa do atual presidente quanto à criação de uma política migratória que acolha os refugiados. Ademais, entendemos que essa posição de antipatia, advinda da figura pública de maior cargo do país, faz com que o preconceito, por muitas vezes, alojado no inconsciente das pessoas, seja a arma utilizada por admiradores do governo contra imigrantes no Brasil.

Diante desse quadro, tomemos como exemplo a situação dos venezuelanos no país. Desde 2015, por meio do município de Pacaraima, fronteira com a Venezuela, o número de refugiados ampliou-se com o passar dos anos diante da crise política da nação vizinha. Não se passou muito tempo para que os problemas sociais ganhassem foco, haja vista não existir uma política efetiva de acolhimento que seja capaz de receber milhares de imigrantes no estado de Roraima. Para além do problema de moradia, esses imigrantes enfrentam fome, desemprego e, sobretudo, violência.

De acordo com o portal Senado Notícias, em 2020, senadores da região solicitaram ações do governo federal com fins ao combate à violência enfrentada pelos refugiados. Esse fato evidencia o agravamento da situação e revela a fragilidade da atual política migratória no país, pois diverge dos princípios e garantias que regem a Lei N° 13.445, 2017, em que se assevera a acolhida humanitária e a igualdade de tratamento e de oportunidade ao migrante e a seus familiares.

---

<sup>6</sup> <https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>. Acesso em: 13 nov. 2021.





No atual governo, o cenário para refugiados e migrantes apresenta-se no obscurantismo. Segundo o The Intercept Brasil (2019), a xenofobia praticada constantemente por autoridades faz com que ações agressivas continuem contra refugiados da Venezuela. Dentre as autoridades, está o governador eleito pelo PSL em Roraima, Antônio Denarium, mesmo partido pelo qual foi eleito Jair Bolsonaro. É relevante mencionar que, em período eleitoral, um dos discursos do então representante de Roraima era instalar barreiras que impedissem a entrada de venezuelanos, de modo a satisfazer, assim, o eleitorado daquela região.

Nesse contexto, intencionamos ressaltar as falas proferidas por Jair Bolsonaro que, por vezes, estimula a divisão “nós” *vs.* “eles”, impulsionando a discriminação contra a comunidade venezuelana que, em busca de refúgio no Brasil, depara-se com impetuosidade institucional de brasileiros que compactuam com o preconceito praticado. Em síntese, constatamos a contradição aos princípios e às garantias previstas na Lei de Migração, tendo em vista se revelar, concretamente, a “xenofobia institucional”. Essa, por sua vez, diferentemente do que se espera como política efetiva para acolher refugiados, agride e fomenta o discurso de ódio.

Quanto aos demais grupos que se encontram à margem da violência no país, tomamos como destaque os indígenas. Não se trata de negar as imposições já enfrentadas historicamente pela comunidade indígena. Entretanto, vale o posicionamento de que, nos últimos três anos, com a chegada da ultradireita no Brasil, ações impetuosas, tais como ameaças e mortes, cada vez mais, vêm se ampliando contra esse grupo, é o que se aponta, por exemplo, no relatório *Violência contra os Povos Indígenas do Brasil*, divulgado anualmente pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Segundo dados do relatório, casos de violência contra comunidades indígenas cresceram de forma substancial. Os indicadores revelam que, no primeiro ano de mandato de Jair Bolsonaro, houve 276 ocorrências de atos criminosos caracterizados por 19 tipos de violência, sendo as ameaças, o racismo e as mortes de ativistas indígenas um exemplo de classificação, o que representa mais que o dobro, considerando o mesmo período de 2018, em que o registro de casos se equipara a 110 ações criminosas.

De acordo com o portal de notícias DW Brasil (2020), para Crevels, antropólogo do CIMI, o discurso proferido pelo atual governo é um agravante que estimula e operacionaliza as ações violentas contra indígenas, sobretudo, aqueles que estão à frente da defesa de suas terras e do meio ambiente. O pesquisador ressalta o poder do discurso do presidente sobre sua política de arma, ou seja, o seu favoritismo ao porte de armas é um fator desfavorável aos indígenas e favorável aos dominadores.



Nos termos de Crevels (DW BRASIL, 2020), o invasor pensa: “posso me armar e ir para o conflito que o presidente garante”. Outro fator que exerce forte influência à violência contra grupos indígenas refere-se ao discurso presidencialista que defende que terras já homologadas precisam ser revistas. Para o antropólogo, essa fala incita novas invasões e, conseqüentemente, mais atos criminosos. Ele salienta que há o fator da impunidade no Brasil, chamando a atenção para muitos casos que não têm a devida repercussão ou sequer são investigados pelas autoridades.

Até aqui, no que concerne à conjuntura sociológica, analisamos quatro eixos sociais: violência contra classe jornalística, perseguição política, casos de xenofobia e povos indígenas. Todavia, para a análise dos comentários proferidos por Jair Bolsonaro, selecionamos os três últimos temas mencionados. Diante dessas colocações, passemos às análises dos comentários de Bolsonaro.

#### 4 UMA ADC TEXTUALMENTE ORIENTADA: INCURSÃO AOS COMENTÁRIOS PROFERIDOS PELO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

Para a construção dessa seção, seguimos os seguintes passos retóricos: a) apresentação dos comentários<sup>7</sup>; b) breve explicação do contexto de enunciação das falas e; c) interpretação das marcas de polarização ideológica, de modo a considerar os desdobramentos das evidências linguísticas nas relações de poder. Vejamos o primeiro comentário de Jair Bolsonaro:

Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria<sup>8</sup>.

Ao realizar o comentário, o presidente do Brasil se referia aos adversários do Partido dos Trabalhadores (PT), com quem disputou o segundo turno das últimas eleições. Em vídeo, o

<sup>7</sup> Os comentários utilizados como *corpus* da presente investigação foram retirados de notícias veiculadas *on-line*.

<sup>8</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 13 ago. 2021.





comentário foi transmitido em telão na Avenida Paulista, em São Paulo, durante manifestação de apoiadores semanas antes da votação de 28 de outubro de 2018.

Notamos que o então candidato a presidente recorreu a um discurso polarizado para depreciar (referir negativamente) os membros do partido adversário (exogrupo), excluindo-os de “nossa pátria” (endogrupo). Por meio de uma estrutura linguística negativa, Bolsonaro refere-se a eles como criminosos (“marginais”). O ponto mais alto do discurso é o ataque do político ao exogrupo ao desejar que seja exterminado do Brasil, caso vença a eleição presidencial.

É evidente que podemos identificar a ideologia ultradireitista de Bolsonaro nas estruturas de seu discurso e que, vale ressaltar, está presente desde o início de sua carreira política. Em “**essa turma**, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de **todos nós**”, podemos perceber o reforço das características positivas nossas (endogrupo) ao colocar-se ao lado da lei, do correto, do que vale a pena ser seguido. Além disso, ao utilizar “essa turma”, acreditamos que a escolha pronominal marca um distanciamento espacial entre eles *v.s.* nós e que a escolha lexical minimiza o partido político que integra um dos maiores movimentos esquerdistas da América Latina. Ainda tratando sobre escolhas, destacamos a utilização do modo imperativo em “vai ter que”, empregado para expressar comandos e exigências ao exogrupo.

Ainda de maneira rigorosa, a fala continua: “Ou (**eles**) vão para fora ou vão para a cadeia. **Esses marginais vermelhos** serão banidos de **nossa pátria**”. Mais uma vez, percebemos o reforço da polarização ideológica. De um lado, está o exogrupo “esses marginais vermelhos”, enfatizado pelas escolhas pronominal e lexical, que não tem lugar para ser livre no Brasil. De outro lado, está o endogrupo, a categoria digna de compor “nossa pátria”.

Como podemos verificar na fala de Bolsonaro, há elementos que privilegiam sujeitos e grupos em detrimento de outros por meio do poder e da dominação e que são conferidos no micronível do discurso. Além disso, podemos observar que, de fato, parte das ideologias de grupo é utilizada em relação a outro círculo social, por exemplo, na fala do político, constatamos que ele compete com/domina o exogrupo. Justamente, essa representação do outro apresenta uma tendência negativa, fazendo com que as ideologias tenham a tendência de polarização (VAN DIJK, 2010; 2012; 2015).

O comentário proferido pelo político pouco antes de ele ser eleito presidente já daria indícios do caminho tortuoso que nossa democracia vem atravessando com a ultradireita bolsonarista à frente do governo brasileiro. A seguir, passemos para a próxima fala analisada:



[Considero] a criação de campos de refugiados, talvez, para atender venezuelanos que fogem da ditadura de seu país. Porque do jeito que estão fugindo da fome e da ditadura, tem gente também que nós não queremos no Brasil<sup>9</sup>.

Trata-se de um comentário realizado em cerimônia militar no Rio de Janeiro, em novembro de 2018, quando Bolsonaro já estava eleito presidente. Novamente, observamos que o político pratica um discurso extremamente polarizado, dessa vez, entre o governo (“nós”), tomado como endogrupo, e eles (as pessoas que “**não queremos no Brasil**”), tomados como exogrupo.

Defensor de um controle migratório de venezuelanos mais firme, o ultradireitista sugere a criação de campos de refugiados para “atendê-los” e “ajudá-los”, contudo, de modo a afastá-los dos brasileiros. Acreditamos, aqui, que Bolsonaro recorre a um discurso manipulador com o objetivo de dominar o grupo social em questão.

Lembramos que a manipulação pode ocorrer quando ideologias se sobrepõem ao ideário que apregoa o apoio social aos menos favorecidos, de modo a fazer com que os interlocutores tenham dificuldade de perceber estratégias linguístico-discursivas que promovem essa imbricação, levando-os, muitas vezes, a aceitarem determinadas mensagens. Torna-se cabível frisar que esse jogo manipulatório é bem-sucedido quando os receptores não conseguem entender as intenções reais ou detectar as consequências das crenças e das ações defendidas pelo enunciador (VAN DIJK, 2008).

Ainda vale refletir se a fala de Bolsonaro não seria uma apologia ao nazismo, tomada como crime, e até que ponto os imigrantes são assemelhados a prisioneiros políticos ou de guerra; ou melhor: até que ponto os campos de refugiados se assemelham a verdadeiros campos de concentração, desenvolvidos com o objetivo de segregar determinada população. É fato que ambos costumam ser assentamentos de estruturas precárias em condições mínimas para viver, cujos habitantes estão expostos a irreparáveis prejuízos psicológicos e sociais. Em sentido oposto às intenções de Bolsonaro, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) da Organização das Nações Unidas (ONU) busca sensibilizar líderes de países para disponibilizarem fundos de modo a projetar mecanismos e ações que permitam aos imigrantes se reerguer e ter uma qualidade de vida adequada. Dito isso, passemos ao próximo comentário proferido pelo político.

Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> <https://agenciabrasil.abc.com.br/politica/noticia/2018-11/bolsonaro-cogita-criacao-de-campo-de-refugiados-para-venezuelanos>. Acesso em: 13 ago. 2021.

<sup>10</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/01/23/indio-ta-evoluindo-cada-vez-mais-e-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em: 13 ago. 2021.





A fala acima destacada foi realizada em janeiro de 2020, durante transmissão em vídeo realizada nas redes sociais, ao anunciar a criação do Conselho da Amazônia e as ações para proteger terras indígenas. Mais uma vez, Bolsonaro recorre a um discurso polarizado para se referir a um grupo social minoritário e ofendê-lo. Por meio de uma estrutura linguística negativa, ele apresenta o indígena (exogrupo) como um ser humano atrasado ou inferior, que “**está evoluindo**”. O apogeu desse comentário é o raciocínio de que o indígena está se tornando “**melhor**” por estar cada vez mais parecido com “um ser humano igual a **nós**” (endogrupo).

Novamente, podemos identificar a ideologia ultradireitista de Bolsonaro presente nas estruturas de seu discurso. Constatamos o reforço das características positivas do endogrupo ao defender que a evolução do índio está relacionada à aproximação do indígena à cultura do endogrupo. Além disso, ao enunciar “um ser humano igual a **nós**”, as escolhas lexical e pronominal atestam um distanciamento espacial entre nós *vs.* eles e que marcam um padrão do exogrupo.

Assim, reforça-se a polarização ideológica. De um lado, está o indígena, depreciado por seus costumes, seus valores e suas práticas. De outro lado, está o branco “civilizado”, cuja cultura “mais evoluída” deve ser seguida e valorizada. Esse tipo de discurso proferido pelo presidente da república pode servir como pano de fundo para os crescentes casos de violência contra indígenas.

Concluimos nossa análise linguístico-discursiva apresentando, por fim, um quadro resumido da proposta de análise, revelando as marcas estratégicas de polarização no discurso de Jair Bolsonaro.

**Quadro 1:** Quadro-resumo da proposta de análise: marcas estratégicas de polarização ideológica no discurso de Jair Bolsonaro

<b>Ênfase dos Nossos aspectos positivos (NÓS = conservadores, nacionalistas, brancos)</b>
“vai ter que se colocar sob a lei de todos nós”.
“nossa pátria”.
“Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”.
<b>Ênfase dos aspectos negativos dos Outros (ELES = esquerdistas, refugiados, indígenas)</b>



“Essa turma”.
“Ou vão para fora ou vão para a cadeia”.
“Esses marginais vermelhos serão banidos”.
“[Considero] A criação de campos de refugiados”.
“tem gente também que nós não queremos no Brasil”.
“o índio mudou. Está evoluindo”.

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme descrito no Quadro 1, em nossa análise, percebemos que, no que diz respeito às marcas linguísticas-discursivas, os comentários pronunciados mostram alegações, que estimulam a divisão “nós” vs. “eles”. Por um lado, há o endogrupo, representado pelos conservadores, nacionalistas e brancos. Por outro lado, há o exogrupo, evidenciado pelos esquerdistas, refugiados e indígenas. Neste, como podemos observar, há expressões enunciativas, que enfatizam características desfavoráveis. Naquele, por sua vez, contempla-se um tom enunciativo, que ressalta aspectos favoráveis sob a perspectiva do referido grupo.

Assim, finalizamos as análises das estratégias de polarização ideológica projetadas nos discursos praticados por Bolsonaro à luz da conjuntura sócio-histórica em que foram proferidos. A seguir, tratamos sobre as conclusões que a presente empreitada nos permitiu chegar.

## 5 CONCLUSÕES

As análises em duas direções que empreendemos neste trabalho confirmam o pressuposto de que há uma mediação entre discurso, sociedade e cognição que pode ser vista através das estruturas linguísticas e textuais que são enunciadas em dada conjuntura sócio-histórica.

Depreende-se da polarização ideológica observada nos discursos em análise a manifestação linguístico-textual de um dos mais significativos fenômenos sociais dos dias correntes: a confirmação da luta de classes derivada da prática política brasileira alicerçada na corrupção. Tais operações linguístico-textuais provam que os difíceis tempos de violência que marcam a história atual do Brasil deixaram marcas em nosso tecido social que dificilmente serão apagadas da memória nacional.

Os dados em debate nos chocam pela gravidade das afirmações feitas por um líder de Estado, mas revelam muito do que vivemos no Brasil atualmente: uma crise generalizada em que o discurso é utilizado como arma de disseminação de ódio de representantes privilegiados de endogrupos



conservadores que se encontram no poder contra sujeitos em situação de vulnerabilidade social que integram exogrupos secularmente postos à margem dos direitos sociais que deveriam ser-lhes garantidos.

Se, por um lado, os achados da pesquisa nos assustam e nos deixam perplexos, por outro, evidenciam e reforçam a ideia de que as pesquisas em ADC se fazem cada vez mais necessárias para que haja disseminação da necessidade urgente de luta pela mudança social que começa, sempre e sobretudo, pelo discurso, nas práticas sociais diversas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL é o terceiro país mais letal do mundo para ativistas ambientais. **DW Brasil**. 29/07/2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-%C3%A9-o-terceiro-pa%C3%ADs-mais-letal-do-mundo-para-ativistas-ambientais/a-54361835>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRUM, E. Cem dias sob o domínio dos perversos. **El País**. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780\\_837463.html?fbclid=IwAR0qAKiZEgn7-gmd4okL4cVagNpqJs-vEuBGC0h2fdOGUrXnmScO\\_y9H9dn4](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html?fbclid=IwAR0qAKiZEgn7-gmd4okL4cVagNpqJs-vEuBGC0h2fdOGUrXnmScO_y9H9dn4). Acesso em: 20 jun. 2021.

BRUM, E. Aos indecisos, aos que se anulam, aos que preferem não: o maior delírio vivido hoje no Brasil é o da normalidade. **El País**. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/opinion/1540394956\\_656180.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/opinion/1540394956_656180.html). Acesso em: 19 jun. 2021.

FENAJ. **Relatório FENAJ 2019**. Federação Nacional dos Jornalistas. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio\\_fenaj\\_2019.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf). Acesso em: 01 jul. 2021.

IPEA. **Atlas da violência 2020**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2021.

MELO, I. F. **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SILVA, V. V. da. A teoria dos blocos semânticos e a sociocognição discursiva: uma proposta de articulação. **Rev. de Letras**, n. 34, v. 2, jul./dez. 2015.

TOMAZI, M. M.; SODRÉ, P. R. A cantiga medieval como memória histórica da construção social do gênero feminino: reflexões para o ensino de literatura. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 45-66, jun. 2016.

VAN DIJK, T. A. Ideologia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 53-61, dez. 2015.



VAN DIJK, T. A. Análise Crítica do Discurso multidisciplinar. **Linha d'Água**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 351-381. 2013.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Ideology and discourse**: a multidisciplinary introduction. Madri: Ariel Linguística, 2003.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

VAN DIJK, T. A. **Ideology**: a multidisciplinary approach. London: Sage, 1998.

*Artigo recebido em: 16/02/2022*

*Artigo aprovado em: 01/07/2022*

*Artigo publicado em: 05/07/2021*

#### COMO CITAR

IRINEU, L. M.; SOUSA, A. P.; LOPES, F. N. L. Ideologia e discurso: a construção da polarização ideológica em falas de Jair Bolsonaro. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-18, e02204, 2022.

